

Resumo

O *bullying* é um assunto que tem sido cada vez mais abordado no meio educacional. O presente estudo objetiva problematizar o fenômeno a partir de uma análise crítica que o relaciona às diferenças. Para tanto, nos valem de pesquisa realizada em escola pública do município de Campinas – SP. Foram observadas aulas de Educação Física de quintas séries, com registros realizados em Diário de Campo. Esses registros fundamentaram a formação de um Grupo Focal com quinze alunos. A escolha metodológica teve como objetivo ouvir os alunos a respeito da convivência escolar para posteriormente analisar o *bullying*. Os dados coletados apontam que os alunos apresentam concepções estereotipadas e permeadas de preconceitos em relação às diferenças, vinculadas aos padrões de beleza, raça, cor, gênero e sexualidade. Neste artigo, apresentaremos a história de Rafaela, uma das jovens participantes da pesquisa, como forma de refletir acerca do papel formador da instituição escolar.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Juventude. Preconceito. Diferenças.

Tem-se tornado recorrente nos noticiários e programas veiculados pela grande mídia, especialmente pela TV, o tema do *bullying*. Vários são os especialistas convidados para abordarem a temática e apontarem soluções para o problema nas escolas brasileiras. Para iniciarmos este artigo, nos ateremos ao debate acadêmico na busca por definição desse fenômeno que, frente ao apelo midiático, tem ganhado dimensões de epidemia social.

As manifestações agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem no ambiente escolar entre os alunos são conhecidas atualmente como *bullying*. Esse tipo de violência, com características singulares que o diferem de outros comportamentos agressivos, não é exclusivo da atualidade, ao contrário, relata-se que esse é um fenômeno antigo. Segundo Lopes Neto, Filho e Saavedra (2003):

O termo BULLYING compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (p. 2). Grifo do autor.

Para Lopes Neto (2005), as ações denominadas *bullying* foram por muito tempo admitidas como naturais, como “brincadeiras de criança”, ignoradas por professores e pais. Essa forma de conceber a problemática começou a ser modificada por volta dos anos 1970, na Noruega, local onde Dan Olweus – pioneiro nos estudos sobre o *bullying* – desenvolveu os primeiros instrumentos para detectá-lo de forma específica.

* Mestre pela Faculdade de Educação e pesquisadora do grupo de estudos – VIOLAR – FE/UNICAMP.

** Professora doutora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação/Unicamp e pesquisadora do grupo VIOLAR, na mesma instituição.

Parece que a compreensão de que o *bullying* se refere a manifestação de violências “mais brandas”, como afirma Abramovay (2006), tem se modificado e tomado dimensões até então pouco vistas. Atualmente, algumas perguntas são trazidas para esse debate: Quais os sentimentos que são produzidos nessas relações de conflito? Quais as implicações de viver essa experiência cotidianamente?

No Brasil, o fenômeno está cada vez mais presente nas discussões educacionais e acadêmicas. Leis e cartilhas de combate ao *bullying* têm sido criadas em vários estados e municípios, refletindo sobre a importância dessa discussão.

Geralmente, o *bullying* é abordado nos estudos como uma “violência velada”, praticada pelos denominados “agressores”¹ sofrida pelas “vítimas”, com a presença das “testemunhas” e dos “alvos-autores”. Muitos desses estudos apontam causas relacionadas às características comportamentais e psicológicas dos envolvidos na violência. Aos agressores, por exemplo, são atribuídos possíveis relacionamentos afetivos deficitários, excessiva permissividade, além de fatores individuais como hiperatividade, impulsividade, entre outros. Enquanto às vítimas são atribuídas características de personalidade, como baixa autoestima, vergonha, passividade e insegurança (LOPES NETO, 2005; MOURA, CRUZ; QUEVEDO, 2011). Assim, muitas pesquisas atuais sobre o *bullying* têm como objetivo mapear sua ocorrência nas escolas e/ou analisar as consequências psicológicas para os envolvidos.

Em um estudo com 465 adolescentes, Bandeira e Hutz (2010) concluíram que estar envolvido em *bullying* nos vários papéis causa diferentes implicações na autoestima de meninos e meninas. Zaine, Reis e Padovani (2010) investigaram 16 adolescentes do sexo masculino em situação de “conflito com a lei”, que cumpriam medidas socioeducativas, e observaram que há grande incidência desses jovens em “autoria” de *bullying*, principalmente aqueles em regime de semiliberdade. Pinheiro e Williams (2009), em estudo com 239 estudantes, analisou as possíveis relações entre violência doméstica e *bullying*. Para os autores, há forte relação entre esses dois fenômenos sociais. No caso das garotas, a violência interparental esteve associada a serem “alvo/autor” de *bullying*, enquanto em relação aos garotos a agressão doméstica aumentou a probabilidade de serem “vítimas” ou “vítima-agressora”.

Uma abordagem diferente dos estudos até aqui citados é o de Antunes e Zuin (2008), que realizaram uma análise crítica do conceito de *bullying* e das pesquisas que o enfocam. Segundo esses autores, os estudos meramente estatísticos sobre violência e as intervenções baseadas em uma educação pré-determinada, via imperativos morais, mascara os fatos e contribui para a manutenção da ordem social desigual. Para eles, a concepção do fenômeno *bullying* tem se fundamentado em uma ciência pragmática, por meio da qual se mantém a ordem vigente e não contribui para a emancipação dos indivíduos.

Ainda para esses autores, para que atitudes simplistas não sejam encaradas como a solução definitiva para o problema da violência, é necessário que as definições

¹Há diferentes formas de nomear os envolvidos de *bullying*. Alguns estudos, como os de Lopes Neto (2005), adotam os termos “autor de *bullying*” (agressor), “alvo de *bullying*” (vítima), “alvo/autor de *bullying*” (agressor/vítima) e “testemunha de *bullying*”. Em Fante (2005), encontramos os termos “vítima típica”, “vítima provocadora”, “vítima agressora”, “agressor” e “espectador”.

dos conceitos sejam estudadas à luz das mediações sociais que as determinam, ou seja, não se deve ignorar as razões sociais mais amplas que geram a violência, pois são essas que precisam ser modificadas, as raízes de sua existência. Com a ausência de reflexões, as ações frente às barbáries “se coisificam”, assemelhando-se à educação típica da sociedade administrada que, ao impor modos de ser e agir, torna a reflexão desnecessária e improdutiva. Portanto, não basta que se reconheçam as causas, possivelmente culturais, políticas, econômicas e sociais da violência, e sim que tais fatores sejam analisados e interpretados. (ANTUNES; ZUIN, 2008).

A análise de Antunes e Zuin (2008) fundamenta este artigo, na medida em que o objetivo é olhar para essa violência não de forma isolada, como um problema em si mesmo e que deve ser combatido enquanto tal. Ao contrário, este texto busca abordar o *bullying* na relação entre aspectos sociais, culturais e escolares, analisando-os.

Isso implica estudar o *bullying* além das ocorrências que o tem tornado um assunto da atualidade e até mesmo da “moda”. Compreendê-lo exige perpassar as relações de poder existentes no ambiente escolar. Exige o desenvolvimento de olhar atento, buscando compreender como as diferenças são concebidas pelos alunos, possivelmente influenciadas pelas informações que os mesmos recebem diariamente da mídia e do meio sociocultural na construção de suas identidades. Pressupõe pensá-lo como um problema da atualidade, afinal, por que o *bullying* se tornou hoje um problema, se tais agressões sempre existiram?

Mas, antes de responder a essa pergunta, é necessário aprofundar a discussão acerca da relação entre *bullying* e diferenças, já que o fenômeno está intrinsecamente relacionado às diferenças presentes no ambiente escolar (e social).

***Bullying* e a “nova concepção de cidadania”**

Como o *bullying* e as “diferenças” se relacionam às questões sociais? Buscando estabelecer esse diálogo na análise, trazemos para a discussão a “nova concepção de cidadania” (DAGNINO, 1994), que emergiu a partir da década de 1980. Segundo Dagnino (1994), trata-se de uma “concepção de cidadania” que está ligada aos movimentos de grupos que lutam por direitos iguais – como os de negros, homossexuais e mulheres – e que aspiram a uma democracia efetiva. Trata-se, portanto, segundo a autora, de uma democracia que não exista apenas no nível institucional formal, mas sim nas relações sociais: mais do que um regime democrático, uma sociedade democrática.

O processo de construção de cidadania como afirmação e reconhecimento de direitos é, especialmente na sociedade brasileira, um processo de transformação de práticas arraigadas na sociedade como um todo, cujo significado está longe de ficar limitado à aquisição formal e legal de um conjunto de direitos e, portanto, ao sistema político-judicial. A nova cidadania é um projeto para uma nova sociabilidade: não somente a incorporação no sistema político em sentido estrito,

mas um formato mais igualitário de relações sociais em todos os níveis, inclusive novas regras para viver em sociedade (DAGNINO, 2004, p. 105).

Para tanto, é necessário uma articulação das dimensões da cultura e da política, pois uma transformação democrática necessita de uma transformação cultural, por meio da qual a organização hierárquica e desigual do “conjunto” das relações sociais, denominado “autoritarismo social”², possa ser combatido. Para Dagnino (1994), o autoritarismo social produz uma “cultura autoritária de exclusão” que atua nas relações sociais e reproduz as desigualdades.

Se o *bullying*, concebido como manifestação de preconceito, sempre existiu, por que apenas na atualidade ganha a dimensão de um problema social? Uma das possíveis respostas pode ser a conquista dessa “nova concepção de cidadania”, que busca uma efetiva democracia, ou seja, que os direitos sejam garantidos não apenas legalmente, mas sim vivenciados nas relações sociais, livres do autoritarismo social que reproduz as injustiças e os papéis sociais dos grupos e indivíduos. Partindo dessa perspectiva, o *bullying* está intrinsecamente relacionado ao campo de luta pelo direito a ser diferente sem que isso implique em preconceitos e estigmas.

Entendemos que anteriormente ao advento dos movimentos sociais que lutam pelo direito a diferença, o *bullying*, mesmo existindo há muito tempo, consistia em um problema individual e, portanto, não era objeto de debate social. Entretanto, a partir dessa ampliação da concepção de cidadania, tornou-se um problema social.

Partindo dessa noção, compreendemos, como Douglas (*apud* WOODWARD, 2000), que a marcação da diferença é a base da cultura e pode ser expressa por meio de sistemas classificatórios, que se referem aos sistemas simbólicos de representação e formas de exclusão social. A representação é um sistema linguístico e cultural, arbitrário, indeterminado e ligado a relações de poder (SILVA, 2000). Quando analisamos o *bullying*, é possível identificá-lo como um dos efeitos dos sistemas classificatórios e de formas de exclusão social. São aspectos importantes da cultura expressos em palavras, por exemplo, os padrões de beleza estereotipados fortemente presentes na sociedade contemporânea.

Para alguns autores, as agressões que se manifestam através do *bullying* podem advir dos papéis sociais impostos pela sociedade (*status quo*) e aprendidos em grande parte no convívio familiar. As crianças tendem a interiorizar o que aprenderam em casa e a reproduzirem o teor ideológico vivenciado em seu meio social (SODRÉ, *et al.*, 2007).

Um estudo que aborda o problema nessa perspectiva é o de Pingoello e Horiguela (2009), que realizaram uma pesquisa em uma escola estadual do Paraná com 11 professores de quintas séries, com o objetivo de identificar as características dos alunos que sofrem exclusão. Para os professores entrevistados, algumas características são observadas nesses alunos, tais como comportamentos individuais: trejeitos, opção sexual, timidez, jeito de se vestir, ser quieto ou estudioso, pertencer aos extratos sociais

²Para a autora, profundamente enraizado na cultura brasileira e baseado predominantemente em critérios de classe, raça e gênero, o “autoritarismo social” se expressa num sistema de classificações que estabelece diferentes categorias de pessoas, dispostas nos seus respectivos “lugares” na sociedade (DAGNINO, 1994).

mais baixos, além de aspectos físicos, como deficiências físicas, raça e cor. Os autores relacionam esses dados aos referenciais teóricos que abordam as motivações para o *bullying*.

Smith (2002) aponta que alunos com necessidades especiais, de etnias não brancas e jovens homossexuais apresentam maior probabilidade de sofrerem intimidação. Os alunos de diferentes etnias sofrem mais xingamentos racistas que crianças brancas da mesma idade e gênero. Troyna e Hatcher (*apud* HAYDEN; BLAYA, 2002) relatam que ofensas racistas são comuns nas intimidações e são características da vida escolar dos pertencentes às minorias étnicas.

Para Oliveira e Votre (2006), o *bullying* é a ponta do iceberg da discriminação, um indício do quanto as pessoas estão envolvidas com estereótipos culturais, que são produzidos conjuntamente por homens e mulheres na sociedade, especialmente em instituições familiar e escolar, e reproduzido por crianças e jovens.

Em análise semelhante, Antunes e Zuin (2008) apontam a grande proximidade entre os termos “bullying” e “preconceito”, julgando tratarem-se do mesmo fenômeno:

Na verdade, o bullying se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores. (p. 7).

Entretanto, ressaltamos que esse não é um problema apenas escolar, mas sim social. No entanto, é importante nos aproximarmos do que os estudantes têm a dizer sobre o fenômeno para então retomarmos a problematização das funções que cabem a escola no contexto atual.

Ouvir os adolescentes: uma opção metodológica

Nesta pesquisa nos valem da técnica do Grupo Focal, segundo orientações de Gatti (2005), também utilizada em outros estudos sobre violência³. Essa técnica tem como objetivo oferecer espaços de fala, portanto, não pretende “formar valores” ou ensinar sobre algo, e sim escutar o que os participantes têm a dizer sobre determinado tema, pois:

permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fato e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias [...] (GATTI, 2005, p. 11).

No ano de 2009, foram observadas aulas de Educação Física⁴ de oito quintas séries com o objetivo de conhecer as situações de intimidação e agressão que ocorriam entre os alunos. Também foram observadas outras situações vivenciadas no ambiente escolar, além de depoimentos espontâneos de alunos e professores. A observação foi

³Os estudos que utilizaram a técnica são: “A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal” (GOMES, et al., 2006) e “Discriminação: Uma face da violência nas escolas” (ABRAMOVAY; CUNHA, 2009).

⁴Uma das autoras do artigo leciona aulas de Educação Física na escola onde o estudo foi realizado.

realizada em consonância com a postura que percorreu todo o estudo, no sentido de um olhar ampliado às relações estabelecidas, não se restringindo apenas aos fatos observáveis objetivamente, mas sim considerando as demais instâncias que interferem nos acontecimentos. Os registros foram realizados em um Diário de Campo entre março e novembro de 2009.

No ano de 2010, foram convidados quinze alunos para participarem da formação do Grupo Focal, a partir das observações realizadas no ano anterior. Os alunos convidados a participarem do Grupo Focal possuíam diferentes características, que serviram como critério para a escolha: I- Alunos que sofreram agressões verbais e alunos que realizaram agressões verbais; II- Alunos que foram observadores dos fatos, e que em algumas situações relatavam à professora/pesquisadora o que presenciavam; III- Alunos com características de timidez e outros mais comunicativos; IV- Alunos com diferentes crenças: evangélicos, católicos e sem religião; V- Alunos de diferentes cor de pele: brancos, pretos e pardos; VI- Alunos do sexo masculino e feminino.

Com o objetivo de problematizar o *bullying* a partir de um olhar ampliado, as discussões no Grupo Focal não se limitaram às situações classificadas como *bullying*, mas sim à complexidade das relações escolares registradas no Diário de Campo, relacionadas aos padrões de beleza, cor, etnia, gênero e sexualidade⁵. A partir desses eixos os encontros foram programados, pautados por imagens, vídeos, reportagens, textos e outros recursos levantados a partir de pesquisas sobre tema. Foi a partir desses encontros que nos aproximamos de Rafaela⁶, uma garota de 12 anos muito comunicativa que, em diversos momentos, sofreu xingamentos dos colegas, algumas vezes calando-se, outras vezes defendendo-se das agressões. Os xingamentos sofridos se relacionavam por estar acima do que se considera o peso ideal para uma jovem na sua idade e com sua altura. Rafaela se destacou nos registros, pois expressou suas angústias em vários momentos das observações e também no Grupo Focal, tendo uma postura aberta e proativa em conversar sobre essas questões.

A história de Rafaela

Nos registros do Diário de Campo, a história de Rafaela se destacou. Por diversas vezes, ela passou por situações de constrangimento, expressas em xingamentos e apelidos que recebia de seus colegas em diversas situações, inclusive nas aulas de Educação Física. “Bolinho de colesterol” era um dos apelidos que mais a incomodava.

No início das observações, Rafaela não expunha seu problema, entretanto, após algum tempo e conversas com a professora/pesquisadora, ela começou a se abrir, relatando como aquelas agressões lhe machucavam: “Minha vida inteira foi assim, sempre, em todo lugar: na escola, na rua, na igreja, e até em casa... Minha irmã fica me chamando de bolinho. Meu apelido sempre foi bolinho” (Diário de Campo, maio/2009).

⁵ O planejamento dos encontros seguiu a seguinte organização: I- Abordagem sobre o *bullying* – conceituação, aproximação com o contexto escolar, diferentes manifestações: jogo de vídeo-game “*Bullying*” e o *cyberbullying*; II- Discussão sobre padrões de beleza; III- Discussão sobre racismo e preconceitos; IV- Discussão sobre gênero e sexualidade.

⁶ Todos os nomes utilizados na dissertação são fictícios, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes.

Por meio do Diário de Campo, é possível acompanhar o processo de inicial negação do problema para posterior necessidade de desabafar o que sentia, em expressar seu sofrimento frente às agressões, ao *bullying* provocado por ser “gordinha” e não se enquadrar no padrão considerado belo. Esse fato foi anotado no Diário de Campo: “Muitas ‘vítimas’ de *bullying* calam-se, ocultam a dor em vários momentos, de forma que se não houver um espaço para que se abram, talvez não o façam, e o problema acabe por não ser percebido” (Diário de Campo, junho/2009).

Durante todo o período de observação ao longo do ano de 2009 há registros sobre Rafaela, situações em que a aluna era intimidada pelos colegas, ora defendendo-se, ora calando-se. Na aula de Educação Física de sua turma, algumas conversas foram realizadas entre a professora/pesquisadora e os alunos, pois agressões semelhantes ocorriam com outras alunas, principalmente àquelas que não se enquadravam no padrão de corpo magro⁷.

Quando Rafaela foi convidada para participar do Grupo Focal no ano de 2010, ela demonstrou motivação e não faltou em nenhum dos oito encontros realizados. A sensação era que, falar sobre os fatos que a afligia, “despertava”⁸ a aluna. A professora/pesquisadora teve a oportunidade de conversar pessoalmente com a mãe da aluna quando a convidou para o Grupo Focal, e esta contou que Rafaela precisava conversar sobre o tema proposto, devido aos constantes relatos que ouvia em casa sobre o sofrimento da filha na escola.

A participação de Rafaela nos encontros foi sempre ativa, revelando sentimentos e vivências. Sentimentos esses tantas vezes dolorosos. Nos primeiros encontros, ela contou:

Minha amiga mesmo me chama de “botijão de gás”, de gorda e eu: “gente, eu sou gorda mas, assim, fui eu que quis ser gorda, porque eu como essas coisas”. Agora, se eu quiser emagrecer eu consigo porque é o que minha mãe vive falando: “você está muito gorda, não sei o quê”. E teve um tempo que eu fiquei tão magra que as meninas falaram: “Rafaela, você não é assim não”, aí eu peguei e comecei a engordar.

Essas situações não se limitavam à escola. Rafaela contou que sofria os mesmos xingamentos em outros locais, como em casa, na rua e na igreja:

Ai tem as amigas... junta minha irmã e as amigas dela e deixa eu, assim, sozinha, né?! Aí eu lá de canto, aí minha mãe tá conversando e tudo e eu fico lá o culto inteiro, sento lá em uma cadeira separada de todo mundo (...) oh, teve sexta e terça que eu fiquei o culto inteiro chorando e minha mãe: “Rafaela, não precisa ficar chorando. Isso é coisa de criança, isso é coisa que você não pode ligar”. Aí eu: “é mãe, mas você não sabe o que eu estou sentindo por dentro”.

Rafaela afirmou que sua mãe não sabia o que ela sentia por dentro. Isso nos leva a pensar que, devido a essa dificuldade em saber como o outro se sente, é que as agressões de *bullying* são muitas vezes ignoradas ou consideradas “brandas”.

⁷ Esse fato reafirma a importância do eixo temático “Padrões de beleza”, abordado em um dos encontros. No caso de Rafaela e de outras garotas que participaram do Grupo Focal, o fato de não serem magras era o principal motivo dos apelidos e xingamentos dos colegas. Rafaela, em muitos momentos, expressou preocupação em ter que emagrecer

⁸ “Despertava” representa aqui uma motivação, uma força/vontade de falar, de argumentar, de ser ouvida.

Não estamos acostumados a olhar para o outro. Ao contrário, em nosso tempo de “sociedade excitada” (TÜRCKE, 2010), pautada pelo advento das tecnologias, na qual as sensações estão ligadas ao espetacular, ao chamativo, a tudo aquilo que provoca estímulos diversos no campo da percepção, parece que: “Somente o inconstante se tornou constante: o estado de uma inquietude geral, de excitação, de efervescência” (p. 9). Para TÜRCKE, o aparato visual tem uma função muito importante no contexto da “sociedade da sensação”, pois provoca percepções que permanecem, estímulos muito difíceis de serem dominados ou ignorados.

Para TÜRCKE (2010), vivemos em uma sociedade na qual impera a necessidade de sentir sensações cada vez mais fortes, e nesse contexto, será que é fácil “saber como o outro se sente”? De modo semelhante, em uma sociedade excitada, em que os estímulos audiovisuais buscam provocar cada vez mais sensações, será que é possível olhar o próximo além de sua aparência “visual”? No Encontro 4, Kleber, aluno participante do Grupo Focal, questiona Rafaela sobre como é possível olhar uma pessoa “por dentro”. Essa fala evidencia que o aluno parece não saber como olhar para o próximo além de sua aparência exterior. Afinal, como atentar-se à subjetividade de um ser humano em meio a tanto consumismo, a tanta massificação do “ter”, de um “concreto” – ainda que fútil? Afinal, “apenas o que causa uma sensação é percebido”. (TÜRCKE, 2010, p. 20).

No Encontro 0, Rafaela falou de um acontecimento que a marcou muito, no qual toda a sala começou a ofendê-la após a fala de uma professora, que lhe respondeu de forma hostil quando questionada sobre as horas: “ela falou assim: ‘eu não tenho obrigação de responder’. Aí a sala inteira começou a zombar da minha cara, começou a rir, aí eu fiquei nervosa e comecei a chorar”. Esse fato ilustra como as relações na escola são complexas e envoltas a violências, tanto entre alunos como entre professores e alunos. A atitude agressiva da professora desencadeou uma agressão massiva a Rafaela, protagonizada por toda a turma.

Quando se fala em *bullying* e nas formas de combatê-lo, não se pode ignorar que essa violência é gerada e alimentada inclusive pelo próprio sistema escolar e por aqueles que ocupam posições de poder, entre os quais destacamos o professor, que ora pode se omitir mediante as agressões que vê entre seus alunos, ora pode ser o próprio desencadeador de tais agressões.

Com isso, também não se pretende afirmar que, no caso exposto e em tantos outros, a violência seja promovida apenas pelo professor. Não. Pois ele também faz parte desse jogo de violências que se produz e reproduz na escola e na sociedade.

Em outro momento do Grupo Focal, Rafaela expressou de forma intensa e emocionada como o ser agredida a machucava e a fazia sofrer:

Às vezes, quando acontece alguma coisa comigo, assim eu falo: “ai eu quero morrer, eu não quero mais viver, eu não tenho mais vontade de viver”, eu falo: “mata eu logo de uma vez pra mim parar” porque sofro por tudo, né?! É na família, os amigos, dá vontade de você pegar e

falar: “quero morrer, não quero mais viver”, porque você não tem mais nada pra fazer, alguém... Teve uma vez, uma semana inteirinha, todo dia, era eu ir para a escola e voltar da escola, era xingamento, palavrão, nossa um monte de coisa, eu não aguentava mais, eu falava: “mãe, eu quero morrer, eu prefiro morrer, porque pelo menos eu vou estar muito melhor do que aqui”. E ela: “não, você não tem que pensar isso, você tem que viver, não liga, finge, vai seguir sua vida normal, assim, como se essas pessoas nem existissem”. Mas eu não consigo, sabe? Dá uma raiva. E muitas vezes a pessoa pega raiva daquela que xinga e, assim, eu não gosto, eu não gosto que ninguém sinta raiva de mim e eu não gosto de sentir raiva de ninguém.

Esse relato de Rafaela é muito profundo, e demonstra o sofrimento de uma menina na faixa etária de 10-12 anos, que chega ao ponto de desejar a própria morte. Ela completou dizendo que é difícil “não ligar” para as situações, pois:

Às vezes você não consegue, é muita coisa que estoura, você tem que xingar, bater, vamos supor, eu o ano inteiro, xingamento, um monte de coisa, colocando apelido que eu prefiro não comentar, um monte de coisas e me machucava muito, eu chegava em casa chorando e minha mãe falava, todo dia era a minha mãe perguntando por que eu estava triste, eu ficava no canto chorando sozinha e eu não tinha o apoio de ninguém pra falar “Não Rafaela, não liga”, era só a minha mãe, porque o meu pai e a minha irmã, muitas vezes me xingavam também, colocava um apelido de gorda, essas coisas, e eu não gostava. Eu falei: “o quê adianta? É na escola, é na rua, é em casa, na igreja, é em tudo quanto é lugar, o quê eu vou fazer? Eu prefiro morrer mesmo, eu vou estar bem melhor do que aguentando estas coisas.

O desabafo de Rafaela indica o quão importante é ter um olhar atento para as agressões escolares, decorrentes de situações de preconceito, e que por tanto tempo foram negligenciadas. Rafaela contou que por muito tempo fingiu “não ligar” para os apelidos que recebia, acreditando que seus colegas parariam de xingá-la. Entretanto, afirma que em dado momento ela não aguentou mais ter essa postura passiva, pois as ofensas continuavam. Ela continuou a fala anterior, planejando seu futuro, mas com clara dificuldade em lidar com os ocorridos:

mas não, tem que ter seu futuro, praticamente um dia, eu pensava, um dia eu vou crescer e virar uma menina bem bonita e vou humilhar essas pessoas pra largar a mão de ser besta. Porque lá em baixo eu era feia, eu era isso, eu era aquilo, mas agora eu vou crescer e vou virar bonita e aí eu quero ver. Eu pensava assim, mas agora eu não penso mais. Deus me criou assim e é assim que eu vou ser pro resto da minha vida.

Os padrões de beleza estão presentes na angústia de Rafaela, ao afirmar que pensava em crescer e ser “uma menina bem bonita”. Apesar de assegurar que já passou por essa fase e que aprendeu a encarar a situação de outra forma, no decorrer dos encontros foi perceptível que ela ainda sentia a pressão, por exemplo, para emagrecer. A própria afirmação final de Rafaela se aproxima de um consolo: se aceitar como é, ainda que não seja a garota bela que almeja.

Entretanto, as discussões do grupo podem ter ajudado Rafaela a olhar-se de

uma forma diferente, valorizando sua própria beleza. É claro que todas as pressões socioculturais cotidianas não podem ser desfeitas em alguns encontros, mas apontam caminhos para uma “nova forma de ver” a beleza, as diferenças, o outro...

Para Rafaela, é provável que os encontros no Grupo Focal tenham representado uma tentativa de modificar as situações relatadas, como uma “corda lançada” em que ela e outras garotas convidadas puderam se agarrar. Essas alunas gostavam muito de discutir os temas propostos nos encontros, pois foi o espaço em que puderam relatar suas angústias e serem ouvidas.

Rafaela não é vista neste estudo como “vítima”, na perspectiva presente em outros estudos já citados. Seria aprisioná-la a um estereótipo. Ao contrário, admiramos a força que ela demonstrou em expor suas dificuldades e as dores que sentia. Ela enfrentou as angústias que a afligiam, precisou tão somente de um espaço em que se sentiu segura para fazê-lo. Que os alunos (e professores) construam essa “nova forma de ver”.

Considerações finais

Analisar o *bullying* por meio de um olhar amplo, considerando os aspectos culturais e sociais, evidencia que o fenômeno é uma expressão de como as relações cotidianas são vivenciadas, não apenas nas escolas. Esse fato ilustra que as abordagens sobre o *bullying* devem relacioná-lo ao que é vivido no social e às mensagens repetidamente transmitidas pela mídia, instituições sociais, entre outros.

O *bullying* não é um problema exclusivo das chamadas “vítimas”, “agressores” e “testemunhas”, pois diz respeito ao contexto sociocultural em que todos vivem. Além disso, não é uma questão apenas relacionada aos discentes, pois a escola e seus funcionários também ocupam papéis importantes e que devem ser analisados quando se fala em violência. Importante pontuar que os alunos ocupam posições diferentes nas agressões, e até a relação com os professores apresenta esse mesmo movimento dinâmico entre o *agredir* e o *ser agredido*.

O *bullying* é um problema social, do mesmo modo que a luta por vivenciar relações mais igualitárias sem distinção de cor, gênero e padrão estético também é uma questão social, uma luta para a conquista da sociedade democrática. (DAGINO, 1994).

As punições e denúncias não solucionam o problema do *bullying* e da violência, na medida em que os concebe como uma ação isolada, quando na verdade são produtos da própria sociedade.

Por meio da experiência do Grupo Focal, neste artigo evidenciada a partir da aluna Rafaela, percebemos que a conversa e o diálogo com os alunos são essenciais para que esses possam repensar certos posicionamentos naturalizados em relação aos lugares que cada um ocupa na sociedade, baseados em características físicas ou

psicológicas, posições pré-concebidas. Ao desnaturalizarem “falsas verdades” que a sociedade costuma transmitir como “herança” às crianças e aos jovens, as agressões que se caracterizam como *bullying* podem ser repensadas por eles. Como relata Giroux (1997), é necessário dar voz aos alunos. Ao falarem, os discentes podem construir novos posicionamentos ou afirmarem suas crenças de forma mais crítica. Além disso, através de conversas os alunos podem ser incentivados a colocarem-se no lugar do outro, um caminho para refletirem acerca do que representa o agredir e o ser agredido.

O *bullying* está intrinsecamente relacionado aos estereótipos e preconceitos presentes em nossa sociedade contra o outro que se diferencia do padrão hegemônico. A experiência com Rafaela aponta, em nosso modo de ver, para a necessidade de que a escola e os educadores estejam atentos aos sofrimentos que os alunos vivem, tantas vezes silencioso, assumindo uma posição de escuta.

O *bullying* deve ser abordado de uma forma ampla, por meio do diálogo e de debates em que os alunos sejam levados a refletirem sobre as raízes de posicionamentos que provocam o “não aceitar”, o “agredir o outro” e o “concebê-lo como inferior” tendo como motivação alguma marca que o diferencia do padrão estabelecido. O estudo permite também repensarmos o papel importante da escola enquanto instituição educativa, enquanto instituição social fundamental na construção de uma sociedade democrática.

Abstract

Bullying is a subject that has been increasingly discussed in the educational environmental. The objective of the present study is to debate the phenomenon through a critical analysis that relates it to differences. For such, we have used a research conducted in public schools in Campinas (SP). Fifth-grade P. E. classes were observed, and records were made in a Field Diary. Such records enabled the formation of a Focal Group with fifteen students. This methodological choice aimed at listening to the students regarding their school coexistence in order to analyze bullying. The collected data showed that students had stereotyped conceptions, permeated with prejudice against differences related to beauty standards, race, color, gender, and sexuality. In this article, we also present the history of a young research participant, Rafaela, in order to make a reflection concerning the role schools play in a person's formation.

Keywords: Bullying; School; Youth; Prejudice; Differences.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. Entrevista. **Dialogia**. São Paulo, v. 5, p. 15-22, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam ; CUNHA, Anna Lucia. Discriminação: Uma face da violência nas escolas. **Revista Linha Direta**: Educação por escrito. [Disponível em: < <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.miriamabramovay.com%2Fsite%2Findex> >]

php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D63%26Itemid%3D&ei=JnKWUdO-AsXw0gGy5YDgDA&usg=AFQjCNHNUlj9bIM6TbNYqwvjJaGLOFKcKA&bvm=bv.46751780,d.dmQ> Acesso em: 20 jan. 2013.]

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, jan./abr. 2008.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) v.14, n.1, p. 131-138, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2013.

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (Org.). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAGNINO, Evelina. "¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?". In: Daniel Mato (Coord.). **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, p. 95-110, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Purity and Danger: an analysis of pollution and taboo**. Londres: Routledge, 1982, *apud* WOODWARD, 2000. Disponível em: <<http://web.mit.edu/allanmc/www/douglas.powersdangers.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2013.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOMES, Candido Alberto *et al.* A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 11-34, jan./abr. 2006.

HAYDEN, Carol; BLAYA, Catherine. Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES NETO, Aramis. A. Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**. v. 81, n. 5 (supl.), 2005.

LOPES NETO, Aramis . FILHO, Lauro Monteiro; SAAVEDRA, Lucia Helena. **ABRAPIA** – Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente. Rio de Janeiro, 2003.

MOURA, Danilo Rolim de; CRUZ, Ana Catarina Nova; QUEVEDO, Luciana de Ávila. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**. (Rio J.) [v. 87, n.1, p. 19-23, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v87n1/v87n01a04.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2013.

OLIVEIRA, Flávia Fernandes; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. **Revista Movimento**. Porto alegre, v. 12, n. 2, mai./ago. 2006.

PINGOELLO, Ivone; HORIZUELA, Maria de L. Morales Horiguela. A percepção dos professores sobre o *bullying*. In: I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação

Moral: Crise de valores ou valores em crise? Centro de Convenções – Unicamp, Campinas, 1 a 3 de jul. 2009.

PINHEIRO, Fernanda Martins França; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cad. Pesqui**. v.39, n.138, p. 995-1018, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300015&script=sci_arttext > Acesso em: 20 jan. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SMITH, Peter K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: BLAYA, C; DEBARBIEUX, E. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002, p. 187-205.

SODRÉ, Marcelo Santos *et al.* Um estudo de caso sobre castigo e perdão: do *bullying* à *dialogia*. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Recife . 29 maio/1 jun. 2007.

ZAINE, Isabela; REIS, Maria de Jesus Dutra dos; PADOVANI, Ricardo da Costa. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. **Estud. psicol.** (Campinas) v. 27, n. 3, p. 375-382, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/09.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2013.